CONTRIBUIÇÕES DA ARQUEOLOGIA SIMÉTRICA E DA ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA PARA ANÁLISE DE ESPAÇOS RELIGIOSOS: O ESTUDO DE CASO DA IGREJA DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Ana Raquel Neves Maia [1]
Alencar de Miranda Amaral [2]

Resumo: O presente trabalho busca correlacionar os pressupostos teóricos metodológicos da Arqueologia da Arquitetura e Arqueologia Simétrica no intuito de analisar três igrejas oitocentistas construídas no sudeste do Piauí. A Arqueologia Simétrica propõe rechaçar os dualismos que existem entre sociedade-natureza, passado-presente, sendo esses pressupostos epistêmicos de suma importância para a nossa pesquisa. Adotando esses preceitos teórico-metodológicos, buscamos analisar e compreender as edificações enquanto seres ativos, que também são capazes de influenciar e mediar essas ações. Assim, perquirir a história de vida das igrejas estudadas, nos fornece informações relevantes sobre as redes de relações recíprocas que estiveram e estão em curso nas mesmas. Procuraremos compreendê-las através de uma análise formal das características arquitetônicas destes prédios, organização espacial interna e simbolismo religioso expresso nesses elementos conjuntamente e coadunados, evidenciando as relações e associações que se estabeleceram entre humanos/não-humanos e não-humanos/não-humanos. **Palavras-chaves:** Arqueologia Simétrica; Arqueologia da Arquitetura; Igrejas.

Abstract: The present work seeks to correlate the methodological theoretical assumptions of Architecture Archeology and Symmetrical Archeology in order to analyze three nineteenth century churches built in southeastern Piauí. Symmetrical archeology proposes to reject the dualisms that exist between society-nature, past-present, and these epistemic assumptions are of paramount importance to our research.Considering such premises, the churches addressed in the study, although they were built in the "past", continue to develop actions in the present. Adopting these theoretical and methodological precepts, we seek to analyze and understand buildings as active beings, are also able to influence and mediate these actions. Thus, inquiring into the life history of the churches studied provides us with relevant information about the networks of reciprocal relationships that have been and are ongoing in them. We will seek to understand them through a formal analysis of the architectural characteristics of these buildings, internal spatial organization and religious symbolism expressed in these elements together and in harmony, highlighting the relationships and associations that have been established between human / non-human and non-human / non-human. **Keywords**: Symmetrical Archeology; Archeology of Architecture; Churches.

[1] Bolsista da Capes e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Arqueologia (Pparque), Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: anaraquel164@hotmail.com
[2] Docente do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial/ Programa de Pós-graduação em Arqueologia (Pparque), Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: alencar.univasf@gmail.com

Introdução

O presente artigo visa apresentar a proposta de conjugação dos pressupostos teóricos e metodológicos da Arqueologia da Arquitetura com as premissas da Arqueologia Simétrica na análise, explicação e posterior interpretação dos nossos objetos de estudo. Nesse processo de construção e desenvolvimento de uma pesquisa de pós-graduação conjugar essas distintas vertentes se mostra proveitoso, já que não há muitos estudos no Brasil sobre essa temática, e a Arqueologia Simétrica ainda é pouco abordada no contexto nacional. Assim, essas perspectivas se mostram viáveis nas nossas análises e possibilitaram a obtenção de alguns dados preliminares aos quais apresentaremos no decorrer do artigo.

De modo geral, nossa pesquisa abrange o estudo de 3 igrejas oitocentistas que se encontram no estado do Piauí, são elas: a Igreja de Ponta da Serra - município de Dom Inocêncio, a Igreja de São João do Piauí e a Igreja de São Raimundo Nonato. Tais Igrejas têm em comum o fato de terem sido idealizadas e construídas pelo Frei Henrique José Cavalcante que foi um padre, que atuou na região nos fins do século XIX. O trabalho de pós-graduação, ainda em desenvolvimento, que deu origem a esse artigo possui alguns objetivos norteadores, dentre os quais:

- Analisar comparativamente as igrejas para identificar se integram um mesmo conjunto construtivo idealizado pelo Frei Henrique José Cavalcante;
- Analisar e identificar as características arquitetônicas e construtivas (externas e internas) de cada edifício;
- Compreender se os templos compartilham características entre si, e se as mesmas são correlacionadas a um determinado estilo arquitetônico;
- Analisar essas edificações do ponto de vista funcional, espacial e simbólico;
- Identificar a organização dos espaços internos, e como estão distribuídos.

É importante salientar que a pesquisa e análises estão em fase de execução, sendo que a parte externa da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI já foi analisada em um trabalho anterior (Maia, 2018), e atualmente parte das análises internas foram efetuadas. Nesse sentido, os dados e análises que serão apresentados nesse momento focaram-se, majoritariamente, na Igreja Matriz de São Raimundo Nonato, que servirá como base, com a continuidade da pesquisa, para a compreensão dos outros templos religiosos.

Contexto da pesquisa: Frei Henrique e a construção de igrejas no sudeste do Piauí

As igrejas abarcadas pelo presente estudo, como já citado, correspondem às igrejas de Ponta da Serra, em Dom Inocêncio, que foi edificada em 1870, a de São João do Piauí em 1875, e a de São Raimundo Nonato em 1876, todas localizadas em território piauiense (Figura 1). Poucas fontes tratam sobre essas edificações, e a documentação existente (plantas, escrituras, etc) é escassa. Todavia, algumas obras historiográficas, mesmo com lacunas, nos trazem algumas informações que serão apresentadas.

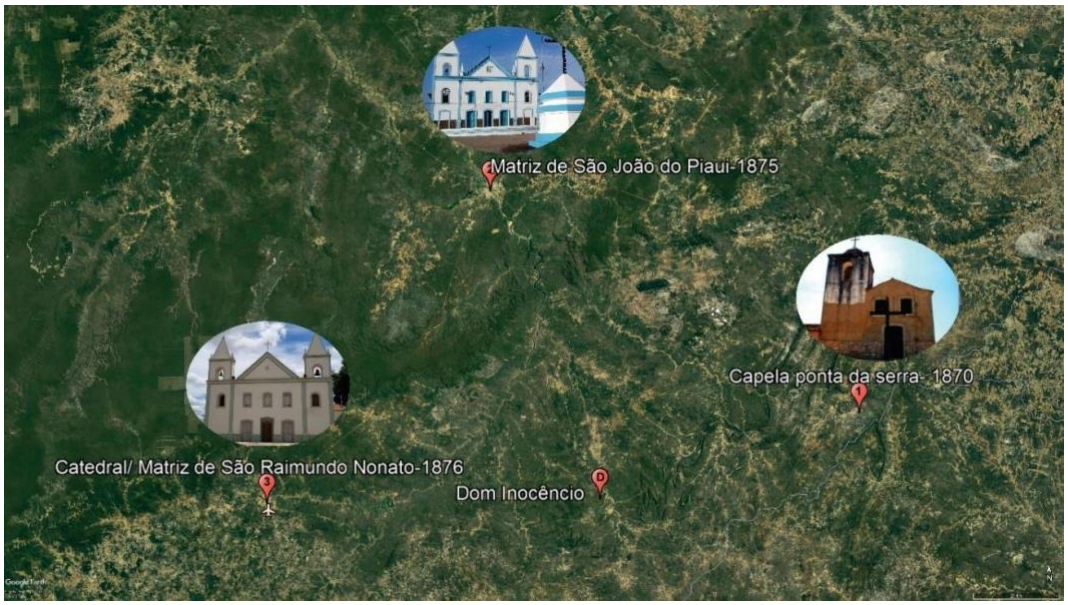

Figura 1: Igrejas construídas pelo Frei Henrique José Cavalcante no Piauí (Fonte: Google Earth, modificado pelos autores).

As fontes indicam que a construção dos três templos está associada a figura do Pe. Henrique José Cavalcante, o popular Frei Henrique (Figura 2), que, na segunda metade do século XIX, ergueu igrejas, construiu cemitérios e açudes no interior do Nordeste (Cavalcante, 2008). Segundo Damasceno (2013), Frei Henrique que "na verdade não era Frei e sim Padre", era natural de Saboeiro - CE. Por um tempo permaneceu em Missão Velha (Ceará), largando-a em 1870 quando assumiu a missão de percorrer o sertão e construir obras. "A sua decisão de percorrer o Sertão, Frei Henrique atribuía, segundo Pe. Diamantino, 'a um chamamento de Deus em benefício dos povos'" (Damasceno, 2013:68, 70).

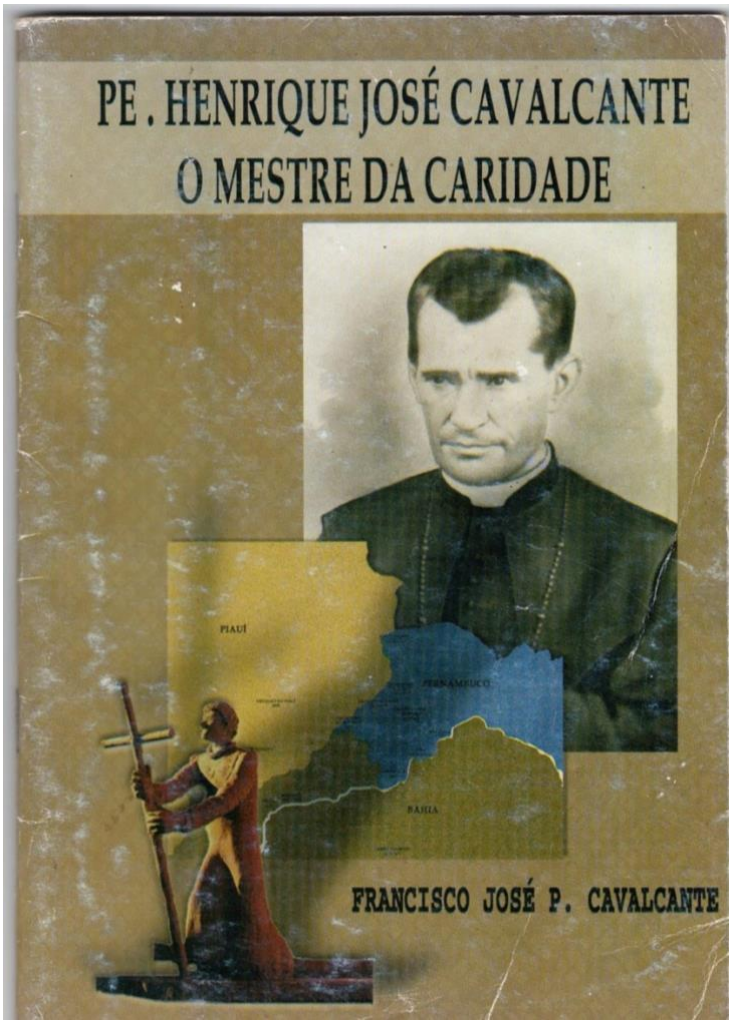

Figura 2: Frei Henrique José Cavalcante. Fonte: Cavalcante, 2008.

Segundo Cavalcante (2008:25), Frei Henrique tinha o pensamento de "tornar os lugares por onde passava, em espaços referenciais, com identidade própria, quebrando a hegemonia da mata e do isolamento". Os locais visitados por ele abrangem povoados e vilarejos do Ceará, Pernambuco, Bahia e Piauí (Figura 3). Seu trabalho teve grande importância para o desenvolvimento e urbanização de lugarejos isolados, que passaram a se expandir no entorno das igrejas por ele construídas, e a se favorecer das bem feitorias por ele instaladas (açudes, cemitérios, etc). Segundo Damasceno (2013: 70-71) "através da história podemos vislumbrar o significado social de suas ações e obras".

Figura 3: Localidades por onde Frei Henrique José Cavalcante passou e construiu obras (Fonte: baseado em Cavalcante, 2008, adaptado pelos autores).

> Nessas construções Frei Henrique Cavalcante mobilizava as populações. Esses mutirões funcionavam como práticas pedagógicas para educar e civilizar as populações ao trabalho. Também ensinava que a união faz a força (Damasceno, 2013:71).

Assim, teria sido com o trabalho de moradores locais, e com o auxílio financeiro de proprietários de terras e das famílias abastadas da região, que Frei Henrique teria conseguido erguer os templos em Dom Inocêncio, São João do Piauí e São Raimundo Nonato.

Com relação às informações orais e historiográficas referentes à construção da Igreja de Ponta da Serra, município de Dom Inocêncio, existem algumas divergências[3]. Segundo Damasceno (2013), baseado em relatos orais, existia uma capela de pedra construída por um Frei português, de nome Henrique, da ordem dos jesuítas que veio de Salvador-Bahia em direção aos "sertões de dentro" (atualmente Piauí).

[3] Mais informações ver Damasceno, 2013.

> Frei Henrique (o português) ergueu a capelinha de pedra. Esse evento teria ocorrido antes da chegada dos irmãos Mafrense e Valério Coelho Rodrigues. A construção da capelinha segundo relato dos populares teria ocorrido em 1685. (Damasceno, 2013:74)

Todavia, a autoria da construção da "capelinha de pedra" não estaria correlacionada a atuação do padre Henrique José Cavalcante, e sim, a outro "Frei Henrique", que esteve na área anteriormente. Como afirma Damasceno (2013:74-75), o Frei Henrique José Cavalcante chegou à região somente em 1870, quando conheceu a antiga capelinha, que por ser considerada "rústica", o motivou a elaborar o projeto arquitetônico e conduzir a construção de uma nova igreja "maior e com melhor acabamento".

Segundo Damasceno (2013), Matias Rodrigues, um abastado fazendeiro da região, se comprometeu a custear as despesas da construção da igreja, oferecendo também mão de obra – quase 100 homens- que ficaram à disposição do Frei. Frei Henrique marca a finalização da construção e inauguração da igreja para dezembro do mesmo ano do início das obras, 1870, quando se realizariam também casamentos e batizados. Próximo ao prazo de finalização da construção Frei Henrique solicita mais mão de obra, e Matias Rodrigues pede que seu sobrinho "Carlão do Outeiro"[4] envie seus empregados para obra. Entretanto, Frei Henrique não aceita essa ajuda, por considerar que os trabalhadores de "Carlão" viviam em regime de escravidão. Então, o auxílio é dado em forma de dinheiro, que é utilizado para buscar trabalhadores em outras localidades de Pernambuco e da Bahia.

Deste modo, de acordo com Damasceno (2013:75), "Frei Henrique conclui a obra em tempo recorde. Cumpre à risca os prazos. Construiu ainda um cemitério e uma barragem em pedra e cal."

A mesma forma de atuação teria sido empregada por Frei Henrique em 1875, para a construção da Igreja Matriz de São João do Piauí. Segundo Damasceno (2013), a Igreja foi construída por meio de um mutirão de moradores e devotos locais coordenados por Frei Henrique. Sendo os gastos com a obra custeados pelo fazendeiro Sr. Manuel Clementino de Carvalho.

[4] Mais informações ver Damasceno, 2013.

Além disso, Damasceno (2013) aponta que a Igreja Matriz de São João do Piauí também teria sido erigida no mesmo local onde anteriormente existiria um templo construído pelos jesuítas[5]. Entretanto, as fontes sobre esse fato são lacunares, e os remanescentes arquitetônicos e os dados arqueológicos sobre a localidade não possibilitaram, até o momento, a confirmação desta informação.

Já a Igreja Matriz de São Raimundo Nonato foi fundada em 1876, tendo sido erguida próxima à área onde existia uma pequena capela de taipa construída em 1836[6]. Esta capelinha teria sido destruída, para a construção do novo templo, e no seu local foi instalado um cruzeiro[7].

Em 1876, segundo Damasceno (2013), Frei Henrique segue para a então vila de São Raimundo Nonato (Piauí), motivado pelo convite de fazendeiros de lá. Dentre eles Dionísio Gomes[8]. Assim, Frei Henrique "constrói com a participação de todo o povo da região, a igreja matriz em 1876. Construiu ainda o cemitério Nossa Senhora de Lourdes, localizado mais abaixo da então vila" (Damasceno, 2013:81).

Fundamentação teórica e metodológica

A proposta do artigo é conjugar de forma complementar os pressupostos teóricos e metodológicos da Arqueologia da Arquitetura e Arqueologia Simétrica, para tanto serão apresentados os principais conceitos de cada linha que serão de suma importância à pesquisa.

---

[5] Frei Henrique em 1875 se encontrava em Remanso (Bahia) de onde segue diretamente para a fazenda Malhada do Jatobá (Piauí), atualmente São João do Piauí-PI. "Pe. Sólon em seus relatos cita que São João do Piauí era uma fazenda dos padres jesuítas, doada pelos Irmãos Mafrense, e que foi confiscada por decisão e ordem do Marquês de Pombal. Esse fato também é citado pelo Pe. Francisco Cavalcante, de posse para pesquisa dos registros eclesiásticos. No lugarejo já existia uma pequena igreja, provavelmente construída pelos padres jesuítas. Frei Henrique a ampliou, tornando-a igreja matriz." (Damasceno, 2013:79)

[6] [...] O distrito Freguesia era visitado por sacerdotes forranêos advindo de Jaicós. Foram eles que construíram em 1836, a primeira capela. (Almeida Neta e Kestering, 2013:275)

[7] [...] onde fica a catedral em frente dela havia uma capelinha dedicada a São Raimundo Nonato e, provavelmente a capelinha foi construída pelos frades mercedários, e depois de construída a catedral essa capelinha que era de taipa e ficava em frente a catedral foi destruída. (Negreiros, 2014 apud Gomes, 2015:22) "Um belíssimo cruzeiro, obra inédita no gênero, na arquitetura sacra do Piauí, foi plantado no local da primitiva capela que deu origem a atual igreja catedral" (Almeida Neta e Kestering, 2013:275-276).

[8] O Casamento de Dionísio Gomes foi realizado pelo Frei Henrique na monção de inauguração da Igreja de Ponta da Serra (Piauí). O fazendeiro segundo relatos foi sepultado no cemitério Nossa Senhora de Lourdes, em São Raimundo Nonato-PI, construído também pelo Frei Henrique (Damasceno, 2013). É de salientar que no Cemitério Nossa Senhora de Lourdes, localizado no bairro Junco atualmente, foi evidenciado um jazigo perpétuo pertencente a "Dionísio Gomes Ferreira" com datação de 20/04/1833 – 04/07/1915 que muito provavelmente se trata do mesmo personagem citado nas fontes historiográficas e orais.

Arqueologia da Arquitetura

> A Arqueologia, como a própria origem da palavra sugere, estuda o passado. Esse passado pode ter, no entanto, dezenas, centenas ou milhares de anos. Pode-se estudar - uma edificação dos anos de 1950, assim como uma caverna pré-histórica. O que muda é o tipo de fonte, ou seja, de evidências disponíveis. No primeiro caso é possível, além dos restos materiais, a utilização de documentos escritos, plantas e fotografias; já no segundo caso, têm-se apenas os vestígios materiais (...). É através desses vestígios que o arqueólogo estuda o comportamento humano (...). A Arqueologia é a ciência que estuda o homem através da cultura material. Assim, tudo que é produzido pelo ser humano é passível de uma análise sob a ótica da Arqueologia. Podemos fazer história tanto a partir de um fragmento de um objeto quanto a partir de uma edificação, uma vez que ambas são criação humana e, portanto, a materialização da cultura (...) (Najjar, 2002:6-11).

Essas considerações corroboram e demostram que as edificações como produtos da ação humana, não apenas são passíveis de estudo pela Arqueologia. Mas, na verdade, se configuram, como proposto por Najjar (2002), como "superartefatos"[9] e não meramente um local onde se localizam os objetos. Assim, para a autora: "uma edificação é um superartefato, construído pelo homem que, necessariamente está inserido num dado tempo e espaço e, deste modo, carregado de valores e simbolismos" (Najjar, 2002:11).

De modo geral, as edificações são estudadas numa linha da Arqueologia Histórica que recebe o nome de Arqueologia da Arquitetura. Segundo Santos (2009), muitos autores consideram que os estudos de Arqueologia da Arquitetura podem se apoiar na Antropologia focando seus estudos em questões sociais, como na História considerando a leitura dos elementos arquitetônicos.

[9] O conceito de superartefato utilizado por Najjar (2011) ao analisar igrejas jesuíticas focava em uma forma de pesquisa e análise que considerava as edificações em todas as suas complexidades arquitetônicas, sem restringir-se a partes isoladas destas, ou seja, correlacionando-as também com seu território e seu contexto espacial-social. "nesse sentido, investigar prédios localizados em centros urbanos requer atenção aos conceitos da Arqueologia da paisagem associados com a Arqueologia da Arquitetura (...), posto que estas construções integrem os elementos urbanos em que estão inseridas". (Lopes, 2013:28). Utilizando tal conceito se considera as construções como um artefato interconectado, não único e isolado. As relações que o objeto arquitetônico estabelece tanto com seu território, relações espaço-sociais e espacialidades auxiliam na compreensão do objeto estudado. A igreja, território, espacialidade, contexto social entre outros formam o todo do objeto arquitetônico, e que juntos formam o que é denominado superartefato.

Segundo Vila, Rotea e Borrazás (2002) a Arqueologia da Arquitetura fornece modelos analíticos e ferramentas metodológicas que contribuem significativamente para o estudo das diferentes dimensões do espaço construído.

O registro arquitetônico é como uma chave para entender as formações socioculturais e também diferentes fatores individuais, sociais, políticos, econômicos, substanciais e simbólicos (Vila, Rotea e Borrazás, 2002). Najjar (2007) salienta que:

> Uma edificação sempre é produzida a partir de uma concepção vigente e é, necessariamente, (re) produtora dessa concepção. No decorrer da sua existência, ao sofrer transformações, o artefato arquitetônico refletirá na sua materialidade toda a sua história, sua trajetória no tempo e no espaço. (Najjar, 2007:202)

Najjar (2011) e Vila, Rotea e Borrazás (2002) coincidem na postura e consideram que os edifícios não devam ser encarados como estáticos, mas sujeitos a modificações ao longo do tempo, e junto com elas as relações das pessoas que o frequentam. As construções não são um mero objeto arquitetônico condicionado pelo contexto material, pelo contrário devem ser analisadas como entidades vivas que desempenham papel ativo na constituição social.

Neste mister, as igrejas estudadas, enquanto produtos da ação humana e não somente como estruturas materiais, são resultado de um complexo emaranhado que as tornam um superartefato. Ou seja, uma construção humana que não é somente um objeto fixo e que se limita as suas dimensões físicas, mas incorpora à sua materialidade elementos de cunho histórico, social, espacial, territorial entre outros. As edificações como um todo, e as igrejas em nosso caso específico, refletem a sociedade que as “construiu”. Como sabemos, as sociedades não são estáticas, e estão em constante mudança, portanto, essas edificações, sejam elas quais forem, também são dinâmicas, e passam por modificações ao longo do tempo. Muda-se a “arquitetura” e concomitantemente mudam-se as relações das pessoas que utilizam as edificações.

Há uma influência mútua e uma reciprocidade entre o material e o social, entre prédios e pessoas ou entre humanos e não-humanos. Essas questões estão intrinsecamente ligadas com as propostas da Arqueologia Simétrica, que também tem nos auxiliado, nos instigando a perquirir e reconhecer as diferentes possibilidades de abordar nosso objeto de estudo, como discutiremos a seguir.

Arqueologia Simétrica

Dentre os muitos conceitos da Arqueologia Simétrica, nos dedicamos a apresentar os que julgamos serem os mais relevantes na leitura e abordagem das igrejas abarcadas pelo estudo. Dentre eles:

- Rechaçamento das ideias dicotômicas da modernidade (sujeito-objeto, natureza-cultura, passado- presente, etc.).
- Humanos e não-humanos explicados a partir dos mesmos termos.
- Agência.
- Vida.
- Não distinção entre passado e presente.

Segundo Shanks (2007) a noção de Arqueologia Simétrica é vaga, e de certo modo metafórica. "A noção de simetria aborda as grandes divisões e dualismos que têm sido características da Arqueologia desde a sua cristalização moderna nos séculos XVII e XVIII" (Shanks, 2007:292). A Arqueologia Simétrica, de forma geral, pretende eliminar os dualismos do pensamento ocidental moderno, e nos conscientizar a adotar uma postura mais igualitária perante as pessoas e os objetos. Que no vocabulário da Arqueologia Simétrica passam a ser denominados como "coisas" ou seres (humanos e não-humanos).

Enquanto os ideais da modernidade pregam que estes seres se encontram em câmaras distintas[10] e são ontologicamente diferentes, e portanto, os termos que se utiliza para explicar a natureza não seriam empregados para explicar a sociedade, e vice-versa. A Arqueologia Simétrica propõe o oposto, estes seres não devem ser encarados e explicados como categorias distintas, ambos compõem e constituem coletivos e estabelecem redes de relações sem distinções[11].

A Arqueologia Simétrica, portanto, chama a atenção para o estabelecimento de um acordo mútuo e reconhecimento das inter-relações, por isso devemos aplicar as mesmas medidas e valores a nós mesmos e aos seres que integram a nossa pesquisa. Portanto, a Arqueologia Simétrica trata de relações, e busca estabelecer, e compreender, uma consonância entre

10 Mais informações ver: Latour, 2004.
11 Mais informações ver: Gonzalez-Ruibal, 2007.

passado e presente, indivíduo e estrutura, pessoa e artefato, forma biológica e valor cultural entre outros (Shanks, 2007).

Nesta perspectiva, não há dicotomia e ruptura no estabelecimento de relações entre seres humanos e não-humanos, isso é algo instituído pela modernidade. Assim sendo, a Arqueologia Simétrica, segundo Gonzalez-Ruibal (2007), considera que desde o princípio nos encontramos imersos em um mundo de pessoas, animais e coisas, que mantém múltiplas "transações" entre si, se construindo simultaneamente e formando coletivos híbridos.

> Um complexo emaranhado de pessoas e coisas não pode ser reduzido a partes e onde a explicação proceda verticalmente de um polo comum natureza-sociedade. Este reposicionamento pós-humanista descentraliza os humanos como seres autônomos e independentes, precisando de conceitos explicativos diferentes, e admite o reconhecimento não moderno de que as coisas são partes igualmente importantes do ser (Webmoor, 2007:300).

Deste modo, os termos que anteriormente eram utilizados para explicar somente os seres humanos são então extrapolados as coisas ou aos seres não-humanos. Assim, os arqueólogos passam a perquirir e buscam compreender a agência, capacidade de ação e a história de vida dos artefatos, ou melhor, dos seres não humanos.

Parte-se da premissa que as paisagens e as coisas não ficam simplesmente em silêncio esperando serem materializadas por significados socialmente constituídos, mas elas possuem suas materialidades e competências próprias e únicas, e que levam consigo na sua convivência conosco. Assim, a Arqueologia Simétrica propõe que os pesquisadores se empenhem a não tratar ação, influência e poder como "poses raras" que somente os humanos desfrutam (Olsen, 2007:291).

As coisas devem ser reconhecidas como portadoras de capacidade de ação social, posicionamento defendido por Gell (1998 apud Webmoor, 2007) que reconhece que as coisas são ativas, não espectadoras passivas na sociedade. Essas colocações dizem respeito a agência das coisas e sua capacidade de ação sobre a realidade social. Gell (1998 apud Melquíades, 2014) demostra que essa ideia de agência deriva da quebra da noção dicotômica moderna sujeito/objeto e é uma das mais fáceis de ser quebrada. Por meio das abordagens pós-processuais, a Arqueologia passa a reconhecer a existência de agências múltiplas, defendendo

que as pessoas juntamente com as coisas formam "um emaranhamento que perpassa as relações coletivas e de constituição mútua" (Hodder, 2006 apud Melquíades, 2014).

Segundo Melquíades (2014), aceitando que todos os seres possuem como característica inerente a vida, é possível usar o conceito de história de vida (das coisas, dos não-humanos) para o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas. Sobre esse conceito, Latour (2012:9) afirma que os personagens não-humanos também têm aventuras que poderíamos acompanhar se abandonarmos a ilusão de que eles são ontologicamente diferentes dos seres humanos. O que tem valor é a agência, a capacidade dos mesmos de atuação e os diversos papéis que lhe foram atribuídos.

Neste mister, as histórias de vida dos artefatos, ou coisas arqueológicas, correspondem as várias relações de constituição mútua, que estruturam o andamento do mundo comum e de um coletivo mais amplo (Melquíades, 2014:238). Segundo Holtorf (2002:54), a história de vida das coisas arqueológicas não termina com sua deposição em uma camada estratigráfica. Mas continua até os dias atuais, e no caso de sua incorporação aos trabalhos arqueológicos, engendra atividades como descoberta, recuperação, análise, interpretação, arquivamento e exibições, que podem ser considerados como processos constituintes da vida das coisas.

De um ponto de vista mais pragmático, Macêdo (2011) apresenta uma série de caminhos e possibilidades de como buscar a história de vida nas edificações. A materialidade possui características essenciais que as permitem conter, reunir e perdurar qualidades ao longo do tempo e espaço. Trata-se da durabilidade e mobilidade. A durabilidade corresponde a capacidade de ordenação ao longo do tempo, e a mobilidade ordenação ao longo do espaço.

Essas características em conjunto possibilitam que um determinado ser tenha uma "longa" presença temporal e espacial. As igrejas estudadas possuem essas duas características que possibilitaram esse longo histórico de presença das mesmas até a contemporaneidade.

Outro ponto destacado por Macêdo (2011) refere-se ao estabelecimento da história de vida desses bens, esse é feito por meio da identificação das transformações que influenciaram e foram influenciadas pelas atividades realizadas no local, buscando identificar as modificações que ocorreram na edificação. Na construção das redes as relações se estabelecem entre humanos e "coisas" que atuam e influenciam-se reciprocamente. Macêdo (2011) também

salienta que todos os elementos que compõem a rede são agentes ou atores. Esses atores podem ser visíveis e invisíveis (humanos e não-humanos), e mesmo não estando mais presente de fato, os resultados de sua ação permanecem na estrutura, esses seres participam ativamente e igualmente no processo histórico e se fazem presentes no processo de construção.

Voltando as questões dicotômicas e problematizando a questão de passado e presente, a Arqueologia Simétrica questiona a manutenção dos dualismos e a separação entre o "passado" que se estuda e o ponto de vista contemporâneo: o que deve ser levado em conta é a constituição mútua entre passado e presente (Shanks, 2007). A relação que se estabelece entre passado e presente corresponde a um contínuo de relações que se inicia num dado momento e não acabou, não há ruptura, mas se propaga até o dia presente. O passado consiste numa rede de relações, quando reavaliamos seu significado com base no que nos acontece atualmente, o reconectamos a um novo caminho de uma nova forma (Macêdo, 2011).

Assim, como indicam os argumentos apresentados, podemos identificar muitos pontos de convergências entre as propostas da Arqueologia da Arquitetura e Arqueologia Simétrica. Como exemplo retirado da bibliografia citada, podemos indicar o argumento de Najjar (2007:202), que defende que a materialidade dos edifícios reflete toda sua história, sua trajetória ao longo do tempo e do espaço. Essa perspectiva dialoga não só com a questão da durabilidade e mobilidade apresentada pela Arqueologia Simétrica, como também com a quebra da ruptura e dicotomia entre passado e presente.

Aceitando a premissa de que entre passado e presente há um contínuo de relações, podemos perceber[12] que a existência ao longo do tempo e os processos aos quais as construções são submetidas correspondem a história de vida desses seres. Essas noções propiciam a tomada de consciência de que esses seres não são estáticos, mas passam por modificações no decorrer de sua história, ou seja, ao longo do tempo.

Outro ponto complementar entre essas duas vertentes diz respeito à questão da agência, visto que os autores apresentados (Macêdo, 2011; Melquíades, 2014; Najjar, 2011; Shanks, 2007;

[12] Neste caso nos referimos tanto a ações e eventos que apesar de não ocorrerem diretamente nos edifícios tem influência sobre eles (contexto político, sociocultural e urbanístico), quanto a atos impetrados nestes locais (reformas, ampliações, demolições, etc.).

Vila, Rotea e Borrazás, 2002; Webmoor, 2007, etc.) comungam da ideia de que as construções, quer sejam elas identificadas como "superartefatos" ou como "seres não humanos", são capazes de influenciar e constituir a realidade social nas quais estão inseridas.

Portanto, os pressupostos apresentados acima têm nos auxiliado a conhecer a história de vida das igrejas através das suas relações com outros atores, humanos e não-humanos; bem como a compreender que não estamos lidando com "coisas" acabadas, estáticas e do passado. Na verdade, estamos interagindo com seres dinâmicos, como demonstram as sucessivas modificações e incorporações de elementos ao longo seu histórico de vida; e ainda em formação, visto que os mesmos integram uma complexa rede[13] ativa na contemporaneidade.

Metodologia

Dentre os métodos empregados na pesquisa em desenvolvimento, apresentaremos nesse momento aqueles que estão em fase mais avançada de implementação. São eles, o levantamento bibliográfico; levantamento dos elementos tipológicos arquitetônicos e construtivos por meio de análise parietal não-interventiva; sintaxe espacial, de modo a identificar a organização espacial, funcionalidade dos espaços, com posterior elaboração de planta baixa[14]. Dentre as demais metodologias que serão desenvolvidas posteriormente destacam-se os gráficos analíticos de visibilidade[15] e análise de acesso (modelo gamma[16)]; desenhos e modelo 3d, levantamento iconográfico e analise iconológica[17].

---

[13] "A materialidade compreende uma "rede" encadeada por múltiplos agentes, o que possibilita mapear suas conexões no tempo e no espaço (...). O vestígio produzido pelo ator ao ser abordado pelo arqueólogo passa a representar o 'nó' ideal para compreender as conexões que formam a rede e, a partir de uma análise simétrica ser capaz de (re) caracterizar nossa relação com a materialidade que sobreviveu do passado e a materialidade contemporânea." (Macêdo, 2011:9)

[14] Estudar a planta baixa de um edifício pode trazer informações valiosas. A planta de um edifício se relaciona com os outros elementos, como clima, sistema construtivo, condições físicas e topografias do terreno, padrão estético, organização do espaço e legislação vigente (Corrêa, 2005).

[15] Estudar a planta baixa de um edifício pode trazer informações valiosas. A planta de um edifício se relaciona com os outros elementos, como clima, sistema construtivo, condições físicas e topografias do terreno, padrão estético, organização do espaço e legislação vigente (Corrêa, 2005).

[16] Estudar a planta baixa de um edifício pode trazer informações valiosas. A planta de um edifício se relaciona com os outros elementos, como clima, sistema construtivo, condições físicas e topografias do terreno, padrão estético, organização do espaço e legislação vigente (Corrêa, 2005).

[17] Para estudar a simbologia de um determinado elemento segundo Nara Júnior (2015) deve-se proceder inicialmente com uma interpretação material, visando o levantamento iconográfico e análise iconológica de uma seleção de elementos decorativos. O método iconológico (estudo das imagens consistem em três etapas: história do estilo, dos tipos e dos símbolos), esse método pode ser utilizado na análise de elementos de ornamentação e outros bens integrados por meio de ficha descritiva que perpassa pelas

O levantamento dos elementos arquitetônicos corresponde à análise formal que define como é a organização de um determinado edifício, por meio de uma análise das formas materiais concretas que constituem a paisagem, focando na análise tipológica e construtiva. Esta engloba tanto a identificação e análise de técnicas e elementos arquitetônicos, que possibilita estabelecer as etapas de vida da construção, quanto da configuração estratigráfica e espacial do registro arquitetônico. Assim, esta análise foca na descrição formal do espaço construído, relação com outros espaços (entorno arqueológico-histórico), relação de cada componente arquitetônico e espacial, distribuição de materiais, decoração, etc (Vila, Rotea e Borrazás, 2002).

Já a análise espacial está direcionada à descrição e compreensão dos distintos níveis que influenciam na configuração do espaço arquitetônico, entre eles as formas de relações espaciais, forma e sistema de organização, etc. Portanto, são analisados os modos de relação espacial, modos de organização, sistemas de organização ou princípios adicionais de ordenação, etc. Na sintaxe espacial "uma série de técnicas de representação da configuração espacial de cidades e edifícios" é desenvolvida (Nara Júnior, 2015).

Resultados Preliminares:

Nessa etapa apresentamos as possibilidades interpretativas que a Arqueologia da Arquitetura e Arqueologia Simétrica nos propiciaram. Cabe salientar que os resultados são referentes a análise da Igreja Matriz/Catedral de São Raimundo Nonato-PI; as demais serão analisadas em uma oportunidade futura.

Análise externa – Levantamento das características arquitetônicas

De modo geral, em relação ao levantamento das características arquitetônicas e construtivas, foram identificados na fachada da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato 22 elementos que demonstram sua similaridade com o estilo arquitetônico colonial e chã/chão[18.]

análises de notas artísticas (qualidade e estilo), o contexto histórico e as três etapas do método de Panofsky (identificação, descrição e síntese explicativa), e também leva em conta os aspectos funcionais.

[18] O termo colonial é utilizado para delimitar o período que vai de 1500 a 1822, porém utilizamos não o relacionando a uma data específica, mas a uma forma de construir e características arquitetônicas que foram implementadas no Brasil nos primórdios de sua

Dentre esses elementos que podem ser visualizados na imagem abaixo (Figura 4) estão: 1) Frontão; 2) Empena (Frontão); 3)Tímpano; 4) Grimpa; 5) Medalhão; 6) Campanário; 7) Flecha; 8) Coruchéus; 9) Tramos; 10) Cunhal; 11) Pilastra; 12) Base (Pilastra); 13)Fuste (Pilastra); 14) Capitel (Pilastra); 15) Embasamento; 16) Arco abatido; 17) Arco Pleno; 18) Imposta; 19) Cercadura; 20) Guarnição; 21) Cornija; 22) Cimalha[19].

Fig.4: Elementos arquitetônicos identificados na fachada da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI. Fonte: Maia, 2018.

colonização. A Igreja de São Raimundo Nonato, mesmo situando-se cronologicamente fora do período citado, tem muitas similaridades com o estilo arquitetônico "colonial". O estilo arquitetônico colonial é muito amplo, existem muitas variações, uma dessas recebe o nome de chã/chão, que é o estilo correlacionado a edificação supracitada. As edificações elaboradas sobre esse parâmetro possuíam algumas características em comum: eram relativamente "simples", não faziam uso de elementos curvos, o corpo da fachada era composto basicamente de elementos de ângulo reto, ou seja, quadrados e retângulos e sem o uso de decoração. O templo de São Raimundo Nonato possui também outras características que podem ser enquadradas como coloniais: frontão triangular, sineiras com coroamento piramidal, medalhão, coruchéus entre outros. (Mais informações sobre as características da arquitetura colonial e chã ver: Mayer, 2003; Teles, 2014; Senos, 2012; Cavalcanti Filho (2013); Mais informações sobre as análises da Igreja de São Raimundo Nonato ver: Maia, 2018)

[19] Para mais informações ver: Maia, 2018.

Esses resultados servirão de apoio e base comparativa na análise das demais igrejas da região, permitindo-nos investigar se os templos construídos por Frei Henrique possuem as mesmas características arquitetônicas.

Todavia, visto que as características arquitetônicas já foram analisadas em um trabalho anterior (Maia, 2018), nesse momento nos dedicaremos a apresentar mais detalhadamente os resultados referentes a estruturação espacial interna, história de vida, e parte dos elementos que compõem a materialidade da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato.

Análise interna – Estruturação espacial e funcional

Nessa análise buscamos delimitar a organização espacial interna e as funcionalidades de cada espaço em específico. O levantamento dos dados foi feito por meio de uma visita de campo, documentação e anotações, além de elaboração de planta baixa para sintetizar as informações da edificação (Figura 5).

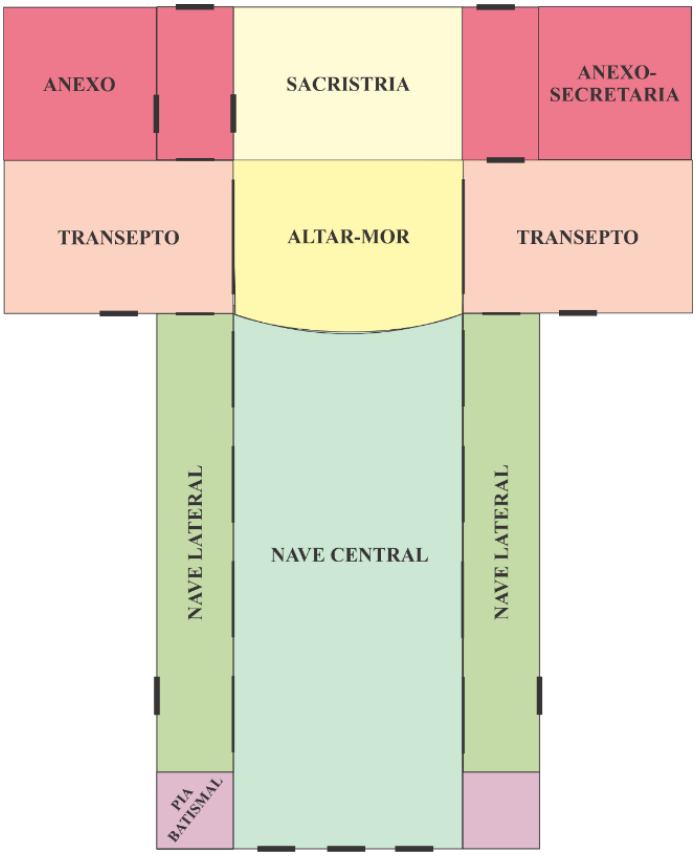

Figura 5: Estruturação espacial e funcional da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI. Fonte: autores.

Como representado na Figura 5, a planta baixa da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato se assemelha a forma de cruz latina[20]. Isso, se desconsiderarmos os anexos direito e esquerdo, que são construções recentes, ou seja, incorporados posteriormente ao projeto original. Destaca-se que este tipo de arranjo arquitetônico era comum em templos católicos nos séculos XVIII e XIX.

Quanto aos espaços que compõem o interior da igreja, os mesmos se distribuem da seguinte forma: uma nave central; duas naves laterais e espaços menores onde se localiza a pia batismal a esquerda e imagens de santos a direita; o altar mor; dois transeptos; a sacristia; e dois anexos (secretaria e sala multi-uso).

As naves central e laterais possuem bancos destinados aos fiéis e frequentadores, sendo que a nave central possui a maioria dos assentos. Em frente a nave central se encontra o altar mor, onde ocorrem as celebrações, e estão alocadas diferentes imagens e símbolos religiosos. Ao lado do altar mor se encontram os denominados transeptos que também possuem bancos. Atrás do altar mor está localizada a sacristia; sendo que nos lados da sacristia foram posteriormente construídos dois anexos onde são realizadas atividades administrativas e acondicionados objetos da igreja.

Entre os elementos que compõem a materialidade e simbologia do templo destacam-se imagens de santos e objetos sacros, alocados no altar mor e nas naves central e laterais; e os sepultamentos de padres e fiéis, localizados na nave central e nas naves laterais.

Em busca da História de vida da edificação: A Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI é um ser do passado ou do presente?

É com essa provocação, que iniciamos esse tópico. Apresentamos abaixo algumas fotos históricas da fachada da Igreja de São Raimundo Nonato (Figura 6); estas foram analisadas, classificadas em ordem cronológica relativa, já que a maioria não possui referência quanto a datas. O intuito da apresentação dessa documentação imagética é constatar que a Igreja Matriz

[20] Símbolo da Igreja Católica, e se caracteriza por ter o braço vertical cerca de 1/3 mais longo que o horizontal, sendo por este cortado a pouco mais de 2/3 de sua altura (Albernaz & Lima, 1998).

de São Raimundo Nonato, no decorrer de sua existência, não foi um objeto único e estático. Além disso, esses elementos nos dão suporte à discussão de sua história de vida.

Na análise da história de vida dessa edificação busca se identificar os elementos que comprovam os distintos momentos pelo qual a mesma passou, ou seja, mudanças que estiveram em curso no referido edifício, incorporações de elementos entre outros.

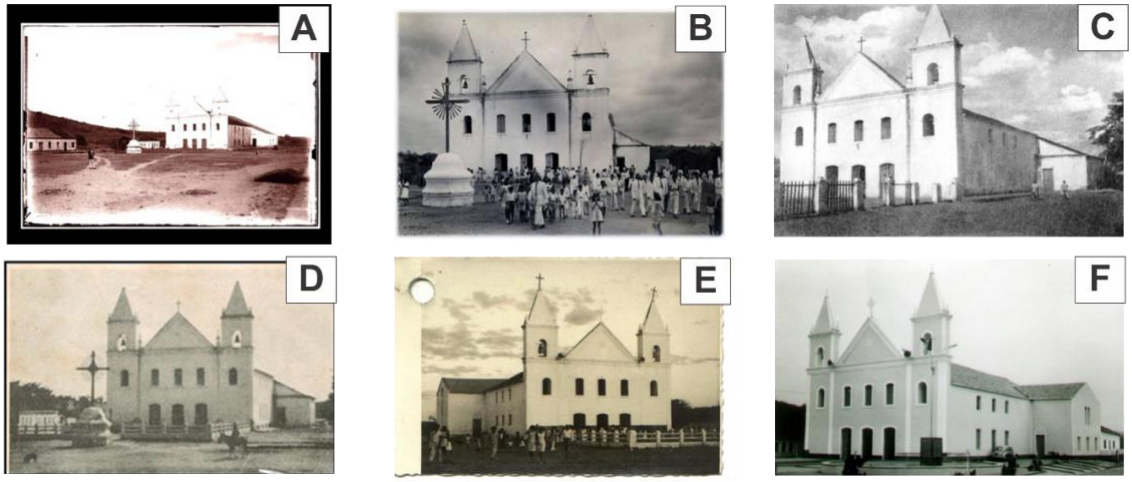

Figura 6: Fotos históricas (19??) da Matriz/Catedral de São Raimundo Nonato-PI. Fonte: A: Expedição Fiocruz, B: Univasf, C: Negreiros Júnior, D: Oliveira e Oliveira, E: Oliveira e Oliveira, F: Negreiros Júnior.

Ao analisar as fotos podemos observar que a igreja e seu entorno passaram por inúmeras modificações ao longo do tempo. Desde a primeira foto (6A) até atualmente a edificação e o entorno que a compõe apresentaram farias facetas, o que denominamos "feições". Dentre os elementos que foram incorporados, se modificaram ou foram removidos se destaca: a cruz principal que na maioria das fotos é única, sob o frontão[21] e de madeira, sendo somente em um momento (6E) as torres sineiras aparecem com cruzes de madeira. A cruz principal (frontão) posteriormente é substituída por uma grimpa metálica (6E e 6F) que se mantém até os dias atuais. O cruzeiro - que num primeiro momento (6A) é construído, no segundo momento (6B) aparece com marcas de deterioração, e num momento posterior (6D) se mostra restaurado, possivelmente esse fato ocorreu quando o muro a frente foi concluído- este cruzeiro delimitava

[21] "Elemento de coroamento da fachada geralmente triangular ou arco de círculo, situado na parte superior do edifício ou de parte da edificação ou sobre portais, portadas ou portões. Originalmente tinha como função arrematar externamente os telhados de duas águas, decorrendo daí sua forma triangular. Através do tempo tornou se um elemento essencialmente decorativo." (Albernaz e Lima, 1998:276).

o local onde se encontrava a primeira "capelinha" como citado anteriormente, posteriormente o mesmo é destruído e por esse motivo não aparece nas demais fotos[22]. Existiam também estruturas piramidais lateralmente ao frontão (coruchéus[23], nas imagens 6A, 6B, 6C e 6D) que posteriormente foram substituídas por alto-falantes (6E e 6F). Em determinados períodos (6C, 6D e 6E) a igreja apresentou-se com dois tipos distintos de muros que posteriormente foram removidos e deram espaço a implantação de um novo projeto paisagístico (6F) que passou a incorporar uma estrutura de alvenaria circular e em seu centro um monumento[24] quadrado.

Também no interior do templo existem inúmeros indicativos e elementos que demonstram a história de vida da edificação. Abaixo apresentaremos algumas imagens que demostram esses momentos de transformação vividos pelo edifício. Cabe frisar que, as imagens correspondem a registros recentes, representando como a edificação se encontra no momento de realização do trabalho.

Dentre os elementos que comprovam essas transformações que a edificação passou (história de vida) estão os diferentes azulejos (pisos) em partes distintas da edificação (Figura 7 e Figura 8).

A figura 7 corresponde ao espaço localizado no lado direito da nave central, onde podemos observar a presença de pisos cerâmicos e de ladrilhos hidráulicos[25]. O ladrilho (7A) é decorado com motivos geométricos[26], com a presença de formas losangulares que formam uma estrela de 6 pontas bicolores; as cores utilizadas são bege que serve de base, e o preto e branco empregado nos losangos. Esses ladrilhos se encontram no centro, margeados por uma faixa (7B) com motivos geométricos retos também nas cores branco, preto e bege. Já o piso cerâmico (7C),

---

[22] Em 1964, o cruzeiro é destruído com o pretexto de urbanizar a praça. (Almeida Neta e Kestering, 2013).

[23] "Arremate ornamentado no coroamento do edifício, usualmente em forma cônica, piramidal ou octogonal. Foi utilizado principalmente em edificações antigas provindas de torres ou frontões, sobretudo igrejas. Nesses prédios é em geral feito de pedra. É também chamado pináculo. " (Albernaz e Lima, 1998, P. 188)

[24] Esse monumento se conserva até os dias atuais. Foi inaugurado em 1975, pelo prefeito da época Newton de Castro Macêdo. Trata se de um monumento histórico que traz algumas informações escritas sobre o histórico da região, citação de nomes de figuras emblemáticas para a mesma e alguns fatos sociais marcantes de cunho social (1º casamento) e políticos (nomes de conselheiros e vereadores municipais, intendentes e prefeitos municipais e representantes políticos na Assembleia Estadual de Deputados).

[25] O ladrilho hidráulico era considerado um revestimento de requinte no fim do século XIX e nos primeiros anos do século XX (Cortes, 2015:79). O ladrilho hidráulico pode ter dois tipos de decoração: lisa ou desenhada, o desenhado pode ser geométrico ou floral. O desenho geométrico apresenta pouca variação de cor, normalmente duas ou três. Os pisos de ladrilho hidráulico podem ser apresentados imitando tapetes, onde os ladrilhos do centro são chamados de "centro" e os que se localizam na borda de "faixas" (Gester, 2013).

[26] "O motivo geométrico se trata de simples padrões constituídos por formas repetidas, porém em alguns casos possuem grande complexidade nos arranjos geométricos, causando até ilusões de ótica." (Martins e Sousa, 2017:7)

apresenta motivos geométricos, e traz em sua composição vários retângulos combinados para preencher a moldura de cada placa cerâmica, em diferentes tonalidades de cinza. Cronologicamente, os ladrilhos representam uma etapa de vida mais antiga do edifício, e que é anterior à instalação do piso cerâmico.

Figura 7: Pisos diferenciados localizados em espaço ao lado direito da nave central. Fonte: acervo pessoal dos autores.

Já a figura 8 representa outra parte da nave central onde também é possível observar elementos construtivos, ou momentos de vida, distintos. Observamos no canto da parede a presença de dois tipos de ladrilhos com motivos diferentes (8A) daquele que predominam na nave central, e que foi descrito no parágrafo anterior (estrela bicolor de 6 pontas). O primeiro (8A), é um ladrilho com fundo branco e motivo geométrico na cor preta, tal motivo é constituído pela combinação de losangos cuja forma se assemelha a uma “rosa dos ventos” ou estrela de 8 pontas. O segundo tipo de ladrilho (8B), apresenta o mesmo tamanho e motivo decorativo daquele que acabamos de descrever, todavia, ao invés do fundo branco esse segundo ladrilho possui uma base de tonalidade bege. Provavelmente, a presença destes dois tipos de ladrilho esteja associada a alguma intervenção que exigiu a retirada e substituição do piso original (ladrilho com estrela bicolor de 6 pontas).

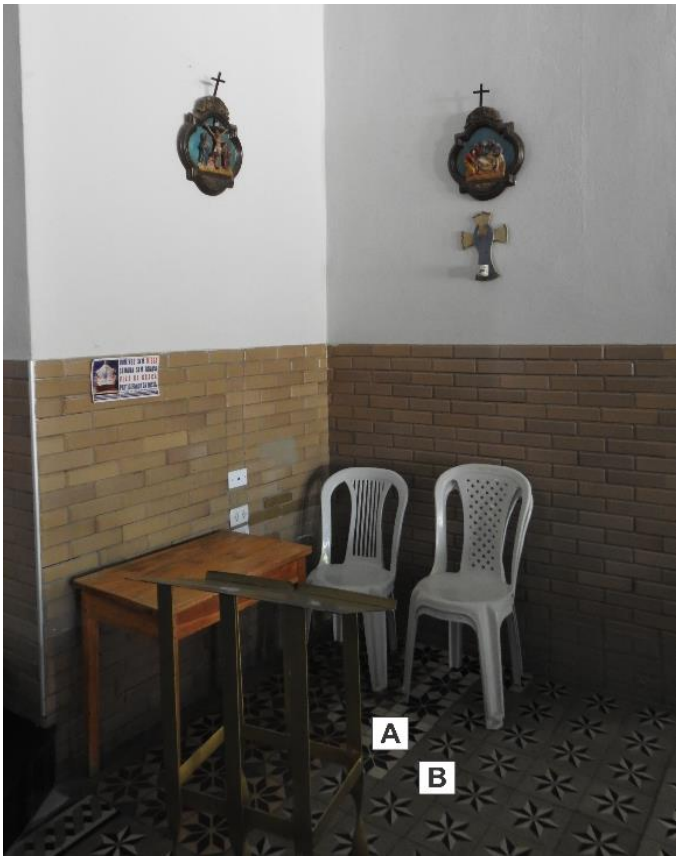

Figura 8: Pisos diferenciados localizados na nave central (Fonte: acervo pessoal dos autores).

No transepto direito (Figura 9) é possível observar a existência de três pisos diferenciados. A maior parte da área é coberta pelo ladrilho de fundo branco e motivo da "rosa dos ventos" ou estrela de 8 pontas (9A); já o ladrilho de fundo bege e motivo da "rosa dos ventos" ou estrela de 8 pontas (9B) ocupa uma pequena faixa que se amplia nas extremidades do recinto. Por fim, temos um piso cerâmico simples em tonalidade branca (9C), e com dimensões maiores que as dos ladrilhos hidráulicos. Apesar da aparência harmônica que o emprego destes três tipos diferentes de material construtivo deu a área do transepto direito, podemos perceber que a integração do piso cerâmico branco representa um momento mais recente na vida do edifício, que em algum momento do passado, passou por uma intervenção que exigiu a retirada do piso original daquela parte do recinto (o ladrilho de fundo bege e motivo da "rosa dos ventos" ou estrela de 8 pontas).

Figura 9: Transepto direito da Igreja Matriz/Catedral de São Raimundo Nonato-PI. Fonte: acervo pessoal dos autores.

Algo parecido aconteceu em uma parte da nave central que fica em frente ao altar mor, entretanto, as informações sobre esse evento são mais abundantes e sua cronologia conhecida. Nesta área (Figura 10), que é majoritariamente recoberta pelo ladrilho com estrela bicolor de 6 pontas que se estende por toda a nave central, podemos observar um nicho retangular formado por um piso cerâmico com motivos curvilíneos, que representam ondas com tonalidades de preto e cinza. Esta área corresponde ao local onde se encontrava enterrado o corpo do Bispo Dom Inocêncio Lopez Santamaria (28/12/1874 – 09/03/1958). O bispo foi sepultado no templo no dia 14/03/1958 e seus restos mortais posteriormente foram exumados em 07/02/2017 como parte do processo de canonização e beatificação que está em andamento[27]. Deste modo, podemos inferir que essa parte do templo passou por no mínimo duas alterações que marcam eventos importantes tanto na história de vida edifício, como na sociedade sanraimundense de modo geral. Em 1958, temos a retirada e substituição do piso original para a deposição do corpo de Dom Inocêncio, marcando um momento de luto e tristeza para comunidade católica da cidade, e simultaneamente reforçando o papel da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato como

[27] Mais informações sobre Dom Inocêncio López Santamaria ver: http://dominocenciosantamaria.com.br/.

centro diocesano no qual o bispo deve ser sepultado. Já em 2017, com a exumação dos restos mortais do bispo, um novo piso cerâmico é integrado à estrutura do edifício, sinalizando o local onde jazia aquele que pode se tornar o primeiro santo católico que morou no Piauí.

Figura 10: Piso diferenciado em frente ao altar-mor. Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Para além dos pisos, outras estruturas e locais também apresentam indícios da história de vida da edificação, sendo o altar mor um nicho importante para essas observações (Figura 11).

Lateralmente ao altar-mor existem indicativos de aberturas (portas) que existiam e que davam acesso à sacristia. Estas posteriormente foram fechadas, restando apenas a moldura de onde se encontravam.

Além disso, na figura 12, que representa a nave central da Igreja de São Raimundo Nonato, podemos observar objetos e eletrodomésticos modernos (ventiladores) que foram incorporados à materialidade do prédio posteriormente a sua construção. É interessante observar que abaixo dos ventiladores há a presença de dois ornatos que aparentemente "habituais" nos trazem informações bem relevantes e que serão discutidas na sequência.

Figura 11: Altar-mor com indicativos onde anteriormente existiam portas. Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 12: Nave central da Igreja Matriz/Catedral de São Raimundo Nonato-PI. Fonte: Acervo pessoal dos autores.

O ornato superior (Figura 13) possui motivos figurativos representando as estações da paixão de Cristo, porém, o porta velas (Figura 13) abaixo possui uma simbologia e fabricação muito distintas, e que apesar de não remeterem à cosmologia cristã, nos remetem ao contexto sociocultural ao qual a edificação está associada. Esta é uma peça produzida pela fábrica de "Cerâmica Serra da Capivara"[28], que usa como inspiração as formas e símbolos encontrados nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara[29]. Assim, essa vinculação com o patrimônio arqueológico da região é visível no ornato inserido na igreja. Podemos observar que a silhueta de um antropomorfo com os braços levantados, típico da tradição Agreste, é empregado para formar uma cruz; e no suporte para velas são reproduzidos diferentes motivos (zoomorfos e antropomorfos) típicos do acervo rupestre dos sítios da região.

Nesse exemplo podemos perceber como estas relações entre o passado e o presente são fluídas e não dicotômicas. Símbolos pré-coloniais, que remetem as primeiras ocupações humanas na região, são, na atualidade, incorporados em um templo cristão construído no século XIX, numa clara demonstração da importância que os trabalhos arqueológicos desenvolvidos a partir da década de 1970 passam a ter na realidade sociocultural e econômica da região.

A partir desses dados e conjugando-os com as propostas levantadas pela Arqueologia da Arquitetura e Arqueologia Simétrica vemos que essa edificação não reflete um momento fixo de um dito período cronológico. A Igreja Matriz de São Raimundo Nonato não estava "pronta" e/ou "finalizada" desde o ano de 1876. As variadas feições que ela assumiu, e que foram parcialmente

[28] A fábrica "Cerâmica Serra da Capivara" foi fundada em 1992 na Localidade Barreirinho, município de Coronel José Dias-PI, pela arqueóloga Niède Guidon. O projeto da fábrica busca aliar a preocupação ambiental com o desejo de inclusão social e econômica (os artesões que trabalham na fábrica são pessoas oriundas do entorno do Parque Nacional). Esse trabalho foi fruto de uma parceria entre a Fundação Museu do Homem Americano (Fumdham) e a instituição italiana *Terra Nuova* que visava a produção de cerâmica artesanal. Em 1992, especialistas italianos e brasileiros catalogaram 40 tipos de argila da região até chegar a mistura ideal para uso. Após as pesquisas, deu se a formação de jovens e adultos habitantes de Barreirinho para exercer as funções da produção cerâmica. A cerâmica que é produzida na "Cerâmica Serra da Capivara" possui certificações do meio ambiente, de manejo consciente, não faz uso de práticas interventivas (escavação) para obter material (argila). Desde o início de sua produção a argila é retirada de barreiros (tipo de açude que acumula água durante o período de chuva), a medida que vão secando, o barro é retirado, ajudando inclusive na prevenção de assoreamento do poço. A tinta usada na fabricação das peças é a base de corantes naturais e os fornos utilizam gás ao invés de lenha, para preservar a vegetação nativa. As peças produzidas são exportadas principalmente para a Itália, e também Portugal e Espanha. Em 2008 a fábrica "Cerâmica Serra da Capivara" ganhou o prêmio de melhor projeto de sustentabilidade do País. (https://www.socialismocriativo.com.br/arte-rupestre-ceramica-da-serra-da-capivara-melhor-projeto-de-sustentabilidade-do-brasil/; https://www.artesol.org.br/rede/membro/grupo_ceramica_artesanal_serra_da_capivara)

[29] "O parque Nacional Serra da Capivara ocupa 130 mil ha e está situado no SE do Estado do Piauí na região Nordeste do Brasil. Em 1991, o parque foi inscrito pela UNESCO na lista de Patrimônio Mundial pela importância dos seus sítios arqueológicos. Até o ano de 2018 foram registrados mais de mil sítios com pinturas e gravuras rupestres pré-históricas, indicando uma das maiores concentrações de sítios pré-históricos do mundo por quilômetro quadrado. " (http://fumdham.org.br/parque/)

apresentadas ao longo do texto, demostram existir uma sucessiva continuidade nesse processo, que nega a existência de uma ruptura entre passado e presente, e que sugere que a história de vida dos edifícios e de outros seres não humanos, colocado nos termos simétricos, deve ser compreendida através de uma perspectiva diacrônica. Seria, portanto, um erro encarar a Igreja de São Raimundo Nonato como uma obra somente do passado, como um reflexo da sociedade que a construiu ou da materialidade que a constituiu em 1876.

Figura 13: Ornatos localizados abaixo dos ventiladores na nave central da Igreja Matriz/ Catedral de São Raimundo Nonato-PI. Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Considerações Finais

No decorrer do presente artigo, pautados nas diretrizes da Arqueologia da Arquitetura e da Arqueologia Simétrica, buscamos analisar e compreender a Igreja de São Raimundo Nonato em seus parâmetros formais. Demos especial atenção as características arquitetônicas e estilísticas, que muito nos dizem sobre o histórico de vida da mesma. Assim, tanto a documentação imagética sobre a fachada quanto a análise dos espaços internos nos permitiram identificar alguns elementos que foram modificados e/ou incorporados ao edifício.

Nesse processo, o estudo da edificação em si foi significativo para conhecermos não somente o seu histórico, mas também o dos atores humanos que atuaram na sua construção (especialmente de seu idealizador Frei Henrique José Cavalcante), e de outros personagens não-humanos aos quais ela se vincula por uma complexa rede de relações (Igreja de São João do Piauí e a Igreja Ponta da Serra, em Dom Inocêncio). Todos os aspectos apresentados e discutidos foram relevantes para conhecermos um pouco da história de vida deste edifício, e perceber o intrincado emaranhado de conexões estabelecidas, ao longo do tempo, entre atores humanos e não-humanos e que perduram até a atualidade.

Assim, buscamos incorporar em nossas análises e interpretações os variados momentos de vida da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato. Compreendendo-a não como um objeto acabado, fruto de um passado morto que se passou; mas sim enquanto um ser vivo, ativo e ainda em construção, como demonstram as mudanças que se conservaram na sua materialidade.

Acreditamos que, ainda que parciais, os resultados apresentados corroboram com a refutação da noção dicotômica entre passado e presente, pois a materialidade da Igreja de São Raimundo Nonato não indica uma ruptura entre seus distintos momentos de vida. As mudanças na fachada, as alterações no piso, e a supressão e/ou incorporação de objetos não indicam, a nosso ver, uma separação entre passado e presente deste edifício. O que vemos é um contínuo, uma constante construção inacabada.

Salientamos também que a igreja não deve ser imaginada ou compreendida de forma isolada, separada do contexto que a cerca, e da conjuntura sociocultural por ela vivenciada ao longo do tempo. Elementos externos são incorporados e não somente religiosos, como é o caso das mudanças verificadas na materialidade em si e apresentadas no decorrer do artigo. A inclusão de elementos tecnológicos como ventiladores ou caixas de som; de peças decorativas, como os ornatos confeccionados pela Cerâmica Serra da Capivara; e até mesmo dos restos mortais de pessoas proeminentes como o bispo Dom Inocêncio; indicam como novas demandas, ideias e anseios das pessoas que frequentam ou vivem no entorno deste edifício são integrados em sua estrutura física. Simultaneamente, essa integração revela a capacidade desta construção de reverberar essas novas demandas ou ideias, influenciando e sendo influenciada, ao mesmo tempo, por outros seres humanos e não humanos.

Portanto, nesse trabalho o rechaçamento das ideias dicotômicas possibilitou-nos uma abordagem diacrônica e abrangente da Igreja de São Raimundo Nonato, algo que pretendemos aplicar em outros templos da região. Acreditamos que desconsiderando as rupturas entre natureza-sociedade, sujeito-objeto, material-imaterial, e encarando nossos objetos de estudo como seres envoltos em um emaranhado fluído de relações que se entrecruzam podemos ampliar as bases do fazer arqueológico. Ao abordarmos os seres não-humanos, sejam eles edificações, objetos cerâmicos, ferramentas líticas ou qualquer outra "coisa" confeccionada e/ou utilizada pelos seres humanos, como portadores de agência, capacidade de ação e de uma trajetória de vida, poderemos expandir nossa compreensão sobre os meandros das relações estabelecidas entre humanos e não-humanos ao longo do tempo. Esta é uma das metas, e também o maior desafio, da pesquisa em desenvolvimento da qual o presente artigo se origina.

Referências

ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. 1998. Dicionário ilustrado de Arquitetura. Volume II- J a Z. São Paulo.

ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. 1998. Dicionário ilustrado de Arquitetura. Volume I- A a I. São Paulo.

ALMEIDA NETA, M. de F. P. de.; KESTERING, C. 2013. Os rituais do morro do cruzeiro: atributos da identidade Sanraimundense. In: Anais Escavando a história de São Raimundo Nonato-PI. Univasf.

Arte rupestre: Cerâmica Serra da Capivara, melhor projeto de sustentabilidade do Brasil. 2018. Em <https://www.socialismocriativo.com.br/arte-rupestre-ceramica-da-serra-da-capivara-melhor-projeto-de-sustentabilidade-do-brasil/> (consultado em 20/02/2020).

CAVALCANTE, F. J. P. 2008. Pe. Henrique José Cavalcante: O mestre da caridade. Gráfica Bandeirante. Petrolina-PE.

CAVALCANTI FILHO, I. 2013. Documentando a arquitetura religiosa no Brasil colonial: a linguagem expressa na iconografia azulejar dos conventos franciscanos no Nordeste. In: 3º seminário ibero-americano. Arquitetura e documentação. Belo Horizonte.

CÔRREA, M. V. de M. 2005. Da Capela Carmelita a Catedral Metropolitana de Manaus (AM): Uma Arqueologia da Arquitetura. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

CORTES, M. D. F. 2015. Valorização e identificação de padronagens de ladrilhos hidráulicos de 1920 a 1940, período Art Déco brasileiro, presentes em prédios e casas do centro histórico de santa maria/ RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de ciências sociais e humanas, Programa de Pós-graduação profissional em patrimônio cultural, Santa Maria, RS, Brasil.

DAMASCENO, M. 2013. Guerra do Pau de Colher: Massacre a sombra da Ditadura Vargas.

GESTER, C. de S. L. M. 2013. Ladrilhos Hidráulicos em Belém: subsídios para a sua conservação e restauração. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de arquitetura e urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e urbanismo, Salvador-BA.

GOMES, J. N. 2015. As festividades do padroeiro em São Raimundo Nonato-Piauí (2000-2014). Licenciatura plena em história, Universidade Estadual do Piauí, Campus Profº Ariston Dias Lima, São Raimundo Nonato, Piauí.

GONZALEZ-RUIBAL, A. 2007. Arqueologia simétrica: um giro teórico sin revolução paradigmática. In: Complutum. Vol. 18. 283-285.

HOLTORF, C. 2002. Notes on the life history of a pot sherd. In: Journal of material culture.

LATOUR, B. 2004. Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia. Tradução Carlos Aurélio Mota de Souza- Bauru, São Paulo: EDUSC.

LATOUR, B. 2012. Biografia de uma investigação- a propósito de um livro sobre modos de existência. Projeto de um artigo para um dossiê sobre EME dos Arquivos de filosofia coordenado por Bruno Karsenti.

LOPES, R. C. dos S. 2013. “O melhor sítio da terra”: o colégio e igreja dos jesuítas e a paisagem da Belém do Grão-Pará: Um estudo de Arqueologia da Arquitetura. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia- UFPA. Belém, Pará.

MACÊDO, J. de. 2011. Os nós da Arqueologia: leituras da paisagem e memória na Igreja de Nossa Senhora da Saúde, Rio de Janeiro-RJ. Programa de pós-graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo.

MAIA, A. R. N. 2018. Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI: Uma análise a partir da Arqueologia da Arquitetura. Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, Piauí.

MARTINS, M. de C.; SOUSA, A. L. S. 2017. Resgate do patrimônio e documentação de ladrilhos hidráulicos em São João Del-Rei, Minas Gerais, Brasil. In: 1º simpósio científico Icomos Brasil. Belo Horizonte, de 10 a 13 de maio de 2017.

MAYER, V. F. 2003. Aspectos gerais da arquitetura religiosa colonial baiana. In: PROPAR/ Revista ARQTEXTO. Faculdade de Arquitetura-UFRGS, ARQTEXTO 3-4.

MELQUÍADES, V. 2014. Em território desconhecido: sobre o abandono de seres e coletivos. In: Revista de Arqueologia. Volume 26 n°. 2/ Volume. 27 n°1. Parte 3 -A construção de interlocuções: Campos disciplinares e sociedade.

NAJJAR, R. 2002. Manual de Arqueologia Histórica em projetos em restauração. Em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Man_ArqueologiaHistoricaProjetosRestauracao_1edicao_m.pdf> (consultado em: 20/02/2020).

NAJJAR, R. 2007. O papel da pesquisa arqueológica nos projetos de restauração. In: Revista do patrimônio histórico e artístico nacional: Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. Nº 33.

NAJJAR, R. 2011. Para além dos cacos: a Arqueologia Histórica a partir de três superartefatos (estudo de caso de três igrejas jesuíticas). In: Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi. Ciênc. HUM., Belém, v.6, n. 1.

NARA JÚNIOR, J. C. 2015. Arqueologia da Persuasão: estudo arqueológico da primeira igreja rococó da américa. Dissertação de mestrado, Museu Nacional-UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, J. de S.; OLIVEIRA, G. F de. 2013. São Raimundo Nonato, um projeto de emancipação política. In: Escavando a história de São Raimundo Nonato-PI, Univasf.

OLIVEIRA, J. de S.; OLIVEIRA, G. F. de. 2013. São Raimundo Nonato, um projeto de emancipação política. In: Escavando a história de São Raimundo Nonato-PI, Univasf.

OLSEN, B. 2007. Genealogias de la assimetria: por que nos hemos olvidado de las cosas. In: Complutum, Vol. 18.

SANTOS, N. F. 2009. Interface entre Arquitetura e Arqueologia na preservação do patrimônio cultural urbano. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural - Instituto de Ciências Humanas, Pelotas.

SENOS, N. 2012. A arquitectura portuguesa chã antes e depois de George Kubler. In: Revista Tritão, n 1.

SHANKS, M. 2007. Arqueologia simétrica. In: Complutum, Vol. 18.

TELES, A. C. da S. 2014. Brasil- Arquitetura Religiosa Barroca.

VILA, X. M. A.; ROTEA, R. B.; BORRAZÁS, P. M. 2002. Arqueotectura 1: Bases teórico metodológicas para uma Arqueologia de la arquitectura. TAPA 25, Santiago de Compostela, Laboratório de patrimônio, paleoambiente e paisaxe.

WEBMOOR, T. 2007. Um giro mas traz el “giro social” el princípio de la simetria em Arqueologia. In: Complutum, Vol. 18.